

ANÁLISE MILITAR VERSUS CONVERSA DE BOTEQUIM: O TESTE AFA APLICADO AO CENÁRIO DO IRÃ

Enquanto narrativas superficiais dominam o debate público, aplicamos o Teste AFA (Aptidão-Factibilidade-Aceitabilidade) para analisar uma hipotética invasão dos EUA ao Irã; vejamos por que a geografia, os recursos e o custo estratégico tornam essa operação militarmente questionável.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O Teste AFA¹ (também chamado de Critério ou Regra AFA) é uma ferramenta de avaliação estratégica empregada para determinar se um curso de ação, plano ou projeto reúne condições para execução antes de sua implementação. Sua sigla representa três critérios fundamentais: Aptidão, Factibilidade e Aceitabilidade.

Amplamente utilizado no meio militar, na gestão de projetos e no planejamento estratégico corporativo, o método serve como filtro para descartar opções frágeis e selecionar a

¹ **Nota do Editor:** O teste AFA apresentado neste artigo – aqui adaptado como Aptidão-Factibilidade-Aceitabilidade – corresponde ao critério de avaliação de cursos de ação (COA) empregado no planejamento militar conjunto. Na doutrina brasileira, o mesmo framework está formalizado no MD30-M-01 Vol. 2 (Doutrina de Operações Conjuntas: Planejamento), aprovado pelo Ministério da Defesa em 2020. A equivalência terminológica com a literatura anglófona é SFA (Suitability-Feasibility-Acceptability). A adaptação dos termos visa facilitar a compreensão do leitor brasileiro sem alterar o rigor conceitual da análise original.

proposta mais consistente.

OS TRÊS CRITÉRIOS

- **Aptidão (O curso de ação atende ao objetivo?):** Avalia se a proposta é logicamente coerente para resolver o problema ou cumprir a missão estabelecida. Pergunta-chave: *A execução desta ação levará ao fim desejado?*
- **Factibilidade (Dispomos de meios para executá-lo?):** Verifica se os recursos necessários (efetivo, material, logística, orçamento e tempo) estão disponíveis ou podem ser obtidos. Pergunta-chave: *Existem meios suficientes para implementar a ação com sucesso?*
- **Aceitabilidade (O custo e o risco são proporcionais?):** Avalia se as consequências políticas, militares, econômicas e sociais são sustentáveis frente aos benefícios esperados. Pergunta-chave: *O resultado justifica o desgaste estratégico, as perdas e os impactos colaterais?*

APLICAÇÃO PRÁTICA

Para que um curso de ação seja considerado válido, deve satisfazer simultaneamente os três critérios. Um plano pode ser apto e factível, mas se o custo político ou o risco de perdas for desproporcional, falha na Aceitabilidade. Se for factível e aceitável, mas não conduzir ao objetivo estratégico, falha na Aptidão. À luz disso, analisemos a “intenção” dos EUA de conduzir uma invasão terrestre ao Irã.

Aos leitores do Velho General, apresentamos esta análise como um exercício intelectual prospectivo. Longe de pretender infalibilidade, buscamos oferecer cenários antecipados. Aplicar o Teste AFA a uma hipotética invasão terrestre dos EUA ao Irã é um exercício clássico na análise de defesa, justamente para demonstrar a complexidade inerente a uma operação dessa magnitude.

A seguir, aplicamos os três critérios ao cenário de abril de 2026, marcado por um conflito em curso com operações aéreas já em andamento:

1. APTIDÃO (O OBJETIVO SERIA ALCANÇADO?)

A Aptidão é questionável pela ausência de um objetivo político final bem definido.

- **Se o fim for a desnuclearização:** os ataques aéreos já degradaram instalações nucleares, mas a garantia física, a remoção de material enterrado ou a verificação definitiva do fim do

programa exigiriam presença de tropas em solo.

- **Se o fim for a mudança de regime:** historicamente, invasões terrestres americanas (Iraque, Afeganistão) lograram derrubar governos, mas falharam na estabilização de longo prazo.

Conclusão: Um plano que se limite à invasão, sem uma estratégia de saída ou pós-conflito, carece de aptidão estratégica. Basta ao Irã adotar uma postura de desgaste, prolongando a resistência além da janela de vontade política norte-americana.

2. FACTIBILIDADE (HÁ MEIOS PARA EXECUTÁ-LA?)

Tecnicamente, a factibilidade representa o maior obstáculo, em razão da geografia e da escala necessária.

- **Geografia hostil:** com território quase quatro vezes superior ao do Iraque, o Irã possui um relevo predominantemente montanhoso e uma vasta rede de instalações subterrâneas blindadas, que dificultam enormemente a progressão de forças terrestres.

- **Dimensão dos recursos:** projeções indicam que uma invasão em larga escala demandaria centenas de milhares de efetivos e orçamentos na casa das centenas de bilhões de dólares, estrutura difícil de sustentar no atual contexto econômico e de demandas estratégicas globais dos EUA.

- **Guerra assimétrica:** a doutrina iraniana integra táticas irregulares, uso maciço de drones e enxames de embarcações rápidas, capazes de ameaçar ou interditar o Estreito de Ormuz, transformando as linhas de suprimento logístico em vulnerabilidades críticas.

3. ACEITABILIDADE (O CUSTO E O RISCO SÃO PROPORCIONAIS?)

É neste filtro que a maioria dos analistas identifica a ruptura do plano.

- **Custo humano e político:** as baixas em um conflito dessa magnitude tenderiam a ser elevadas, podendo gerar nos EUA um repúdio interno comparável ao verificado durante a Guerra do Vietnã.

- **Impacto econômico global:** uma guerra terrestre no Irã provocaria choques nos preços do petróleo e interrupções severas nas cadeias globais de transporte marítimo e aéreo.

- **Risco de escalada regional:** uma invasão direta ativaria a rede de aliados e *proxies* iranianos (Hezbollah, milícias no Iraque e na Síria, entre outros), convertendo um conflito bilateral em uma guerra regional de amplo espectro.

Vale destacar a análise de Ivan Sidorienko (@IvanSid1122MRR), que examina as possíveis linhas de manobra para essa operação:

- Desembarque pelo Golfo Pérsico;
- Desembarque pelo Golfo de Omã;
- Ação direta para apreensão de urânio enriquecido.

Como ressalta o coronel Duran: *“Toda operação militar deve ser submetida aos critérios de Aptidão, Factibilidade e Aceitabilidade; é com base nesse tripé que conduzo a análise.”*

Aos amigos e leitores do Velho General:

- Enquanto o amador busca certezas no mapa, o profissional avalia capacidades logísticas: a guerra não é um exercício de opiniões, mas uma ciência de atrito, logística e recursos.
- A análise militar séria sustenta-se em dados, geografia e doutrina; o restante é narrativa sensacionalista.
- Em questões de defesa, o silêncio ponderado do especialista vale mais do que a eloquência de quem confunde manchete com estratégia. É essa a linha que buscamos manter nesta coluna.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
